

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA
CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA EM CIENCIAS
HUMANAS/GEOGRAFIA

JHONATAN DE ARAÚJO NASCIMENTO

**HANS JONAS E O DESAFIO PARA INSTAURAR UMA ÉTICA CONDIZENTE
COM O PODER TÉCNICO ADQUIRIDO PELO HOMEM NA MODERNIDADE**

GRAJAÚ – MA

2020

JHONATAN DE ARAÚJO NASCIMENTO

**HANS JONAS E O DESAFIO PARA INSTAURAR UMA ÉTICA CONDIZENTE
COM O PODER TÉCNICO ADQUIRIDO PELO HOMEM NA MODERNIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão, Curso interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia, como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia.

Orientador: prof. Me. Francisco Vale Lima

GRAJAÚ – MA

2020

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

de Araújo Nascimento, Jhonatan. HANS JONAS E O
DESAFIO PARA INSTAURAR UMA ÉTICA
CONDIZENTE COM O PODER TÉCNICO ADQUIRIDO PELO HOMEM NA
MODERNIDADE / Jhonatan de Araújo Nascimento. - 2020.
31 p.

Orientador(a): Francisco Vale Lima.

Curso de Ciências Humanas - Geografia, Universidade
Federal do Maranhão, Universidade Federal do MaranhãoGrajau
Maranha, 2020.

1. Ética. 2. Metafísica. 3. Modernidade. 4.
Técnica. I. Vale Lima, Francisco. II. Título.

JHONATAN DE ARAÚJO NASCIMENTO

**HANS JONAS E O DESAFIO PARA INSTAURAR UMA ÉTICA CONDIZENTE
COM O PODER TÉCNICO ADQUIRIDO PELO HOMEM NA MODERNIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Maranhão, Curso interdisciplinar de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia, como requisito para obtenção de grau de licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Me. Francisco Vale Lima

Aprovado em 11/03/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Francisco Vale Lima
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Me. Viturino Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Ma. Maiâna Roque da Silva Maia
Instituto Federal do Maranhã- IFMA

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus pela saúde e paz, por ter me dado forças para conseguir realizar este sonho e ter me ajudado a superar todos os obstáculos e dificuldades que surgiram durante a caminhada.

Gostaria de agradecer aos meus pais, Maria Antônia e Deuzivan Viana, pela confiança e pelo apoio incondicional oferecido. São os amores da minha vida e nunca mediram esforços para me ajudar a alcançar meus objetivos.

Agradecer a minha companheira Jardeane França, por todo apoio e por estar me dando forças desde o início desta longa caminhada, sendo minha confidente nos momentos de aflição.

Não poderia deixar de agradecer a meu grande Mestre Chicão (Francisco Vale Lima), pessoa que admiro desde o dia que conheci. Com seu jeito único de lecionar despertou meu interesse pela filosofia e por sua área de estudo. Agradeço por todos os momentos que me guiou, que tolerou os textos mal escritos e teve toda paciência para me orientar da melhor maneira possível, muito obrigado amigo.

Gostaria de agradecer a todos os amigos que adquiri durante a caminhada. Em especial a meus amigos, Tiago, Raimundo, Leilton, Railson, Ícaro, Leandro, Débora, Luan, Marcos, Francisca e a todos os demais que de alguma maneira me ajudaram, obrigado a todos. *“Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autentica vida humana sobre a terra.”*

Hans Jonas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. Insuficiência dos Sistemas éticos tradicionais	9
2.1 Um novo poder de ação	11
3. A técnica moderna como problema ético.	15
4. O problema Metafísico.	18
5. Superando Descartes e Bacon.	21
5.1 Superando a falácia Naturalista.	27
CONCLUSÃO	28
REFERENCIAS	31

“HANS JONAS E O DESAFIO PARA INSTAURAR UMA ÉTICA CONDIZENTE COM O PODER TÉCNICO ADQUIRIDO PELO HOMEM NA MODERNIDADE”

*Jhonatan de Araújo Nascimento**

*Orientador: Francisco Vale Lima***

RESUMO

O advento da modernidade proporcionou grandes mudanças na vida do homem. O domínio da natureza através da razão e dos conhecimentos técnicos colocou à disposição da sociedade moderna um poder de ação com características totalmente inéditas e consequências jamais imaginadas. Com a modernidade um novo cenário é inaugurado, e neste se destaca a ruptura com os ideais da igreja (ideais estes que serviam como conduta ética da sociedade pré-moderna), e o surgimento da ideia de aquisição da autonomia do sujeito, em face do desenvolvimento da razão. Através do uso frenético da razão nas ações do ser humano sobre a natureza, a ciência e a técnica se desenvolvem e ganham força. Neste cenário o filósofo Hans Jonas desenvolve sua teoria com o intuito principal de propor um princípio ético que seja compatível com o poder de ação humana no cenário moderno, considerando que este poder de ação engendrado pela técnica oferece ameaças a continuidade da vida no planeta. Portanto, neste trabalho meu objetivo é apontar as principais dificuldades que o autor teve de superar para elaborar um modelo ético condizente com a realidade moderna, apontando as principais teorias que ele busca refutar ao propor um novo modo de encarar a ética, uma ética não mais voltada para o âmbito local e momentâneo, mas preocupada com o futuro da vida e com as consequências globais da ação humana apoiada na técnica. Para alcançar tal objetivo utilizei como referência principal a obra magna do autor intitulada “*O princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*” estabelecendo links com a obra “*O princípio vida: Fundamentos para uma biologia filosófica*” a fim de clarificar a teoria.

PALAVRAS-CHAVES: Técnica, Ética, Modernidade, Metafísica.

“HANS JONAS AND THE CHALLENGE TO ESTABLISH AN ETHICS BEYOND THE TECHNICAL POWER ACQUIRED BY MAN IN MODERNITY”

ABSTRACT

The advent of modernity has provided great changes in man's life. The mastery of nature through reason and technical knowledge has made available to modern society a power of action with totally unprecedented characteristics and consequences never imagined. With modernity a new scenario is inaugurated, and in this stands out the rupture with the ideals of the church (ideals that served as ethical conduct of premodern society), and the emergence of the idea of acquiring the autonomy of the subject, in view of the development of reason. Through the frantic use of reason in the actions of the human being about nature, science and technique develop and gain strength. In this scenario the philosopher Hans Jonas develops his theory with the main purpose of proposing an ethical principle that is compatible with the power of human action in the modern scenario, considering that this power of action engendered by the technique offers threats to continuity of life on the planet. Therefore, in this work my goal is to point out the main difficulties that the author had to overcome to elaborate an ethical model consistent with modern reality, pointing out the main theories that he seeks to refute by proposing a new way of facing ethics, a ethics no longer focused on the local and momentary scope, but concerned about the future of life and the global consequences of human action supported by the technique. To achieve this objective I used as main reference the author's magna work entitled “*The Principle Responsibility: Essay of an ethics for technological civilization*” establishing links with the work “*The life principle: Fundamentals for a biology philosophical*” in order to massify the theory.

KEYWORDS: Technique, Ethics, Modernity, Metaphysics.

* Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Grajaú. E-mail: jhonatanaraujo0209@gmail.com.

** Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Grajaú. Doutorado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí. E-mail: fidescaritas@hotmail.com .

1 INTRODUÇÃO

O advento da modernidade proporcionou grandes mudanças na vida do homem. O domínio da natureza através da razão e dos conhecimentos técnicos colocou à disposição da sociedade moderna um poder de ação com características totalmente inéditas e consequências jamais imaginadas.

O ser humano não tinha este poder de ação no período pré-moderno, não porque ele não se utilizava da técnica, mas pelo fato de as ações proporcionadas pela técnica a ele até então não oferecer ameaça alguma à existência da vida, muito menos à preservação do que se entende por imagem humana. Isto muda com a derrocada do período medieval e a chegada da era moderna.

Com a modernidade um novo cenário é inaugurado, e neste se destaca a ruptura com os ideais da igreja (ideais estes que serviam como conduta ética da sociedade prémoderna), e o surgimento da ideia de aquisição da autonomia do sujeito, em face do desenvolvimento da razão. Através do uso frenético da razão nas ações do ser humano sobre a natureza, a ciência e a técnica se desenvolvem e ganham força.

No cenário moderno, René Descartes e suas teorias adentram em todos os espaços da sociedade. Através da proposta de René Descartes o mundo passou a ser encarado como uma grande máquina, e esta visão mecanicista do mundo proporcionou ao homem a dominação da natureza. Esta passara, agora, a ser encarada apenas como um meio repleto de objetos passíveis de utilização; um local donde a humanidade pode extrair as riquezas que proporcionem sua satisfação e que facilitem sua vida, e não mais como meio essencial para a sobrevivência humana.

Com o novo poder de ação e sem preocupação com o bem da natureza, que é um espaço da vida, a sociedade moderna passa a se utilizar da técnica livremente e sem preocupações com as consequências das ações praticadas. Aqui denotamos um dos problemas da técnica moderna; ela deu ao homem um poder para o qual nenhum sistema ético tradicional se apresentara como aplicável tendo em vista a sua regulação.

A insuficiência das éticas tradicionais é reflexo da realidade que se tinha no período pré-moderno. Nele, as ações técnicas não careciam de regulação, pois as consequências delas oriundas não ofereciam ameaças à preservação da vida, nem denotavam um caráter

longínquo. Isto porque as éticas pré-modernas não se atentavam a isto. Os sistemas éticos tradicionais estavam preocupados com o que se entende por relações antropocêntricas.

Ou seja, tais sistemas não estavam aptos a regularem as ações técnicas do homem, pois a ação técnica está embutida com consequências que fogem aos limites do espaço antropocêntrico de ação. Daí a necessidade de criação de um novo sistema ético, pois é preciso superar as éticas tradicionais na busca pela regulação das ações técnicas.

O filósofo alemão, Hans Jonas, dedica todo o seu trabalho filosófico à compreensão e à busca da construção de um sistema ético que seja compatível com este poder adquirido pelo homem através do domínio da técnica. Jonas escreve a obra intitulada *O Princípio Responsabilidade: Ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Esta se caracteriza como obra principal de todo seu labor filosófico, pois é nela que Jonas apresenta o sistema ético que ele entende como compatível ao poder de ação do homem moderno, e que é capaz de impor limites ao desenfreado poder da técnica moderna.

Neste trabalho procuro apontar as principais dificuldades que o autor teve de superar para elaborar um modelo ético condizente com a realidade moderna, apontando as principais teorias que ele busca refutar ao propor um novo modo de encarar a ética, uma ética não mais voltada para o âmbito local e momentâneo, mas preocupada com o futuro da vida e com as consequências globais da ação humana apoiada na técnica.

2. INSUFICIÊNCIA DOS SISTEMAS ÉTICOS TRADICIONAIS

Jonas apresenta a inaplicabilidade da ética tradicional, no cenário da modernidade, demonstrando algumas características da mesma, características estas que a impedem de guiar o agir humano nesta nova realidade. Jonas caracteriza os preceitos éticos tradicionais como antropocêntricos, voltados somente para as relações humanas. Com a modernidade e o aprimoramento da técnica, surge a necessidade de se preocupar não somente com o homem e suas relações no âmbito intra-humano, adentra nas discussões e preocupações agora o âmbito extra-humano, por conta de um fenômeno proporcionado pela técnica moderna que é a ruptura com o antropocentrismo.

O rompimento com o antropocentrismo representa para a ética uma necessidade de agora se preocupar com o além-homem, não demonstro aqui um caráter metafísico, o além-homem a que me refiro é o meio natural. O meio natural revela sua vulnerabilidade diante da

ação técnica e por isto, ela (Natureza) agora necessita de atenção, pois natureza e homem são para Jonas indissociáveis; isto nos leva a afirmação do autor de que “uma vida extra-humana empobrecida, uma natureza empobrecida, significa também uma vida humana empobrecida” (JONAS, 1997, p. 36).

A ética tradicional não se voltava para a *techné* (Habilidade), todo o domínio da técnica, até então, se encontrava eticamente neutro. Não havia uma regra, lei ética, que guiasse a humanidade.

Todo o trato com o mundo extra-humano, isto é, todo domínio da *techné* (habilidade) era –à exceção da medicina – eticamente neutro, considerando-se tanto o objeto quanto o sujeito de tal agir: do ponto de vista do objeto, por que a arte só afetava superficialmente a natureza das coisas que se preservavam como tal, de modo que não se colocava em absoluto a questão de um dano duradouro à integridade do objeto e à ordem natural em seu conjunto; do ponto de vista do sujeito, por que a *techné*, como atividade, compreendia-se a si mesma como um tributo determinado pela necessidade e não como um progresso que se autojustifica como fim precípua da humanidade, em cuja perseguição engajam-se o máximo esforço e a participação humanos. (JONAS, 2006, p. 35)

Deste modo, a ética era inútil perante as ações direcionadas à natureza, ou seja, estas ações não careciam de um balizador ético, a natureza era autossuficiente, conseguia cuidar de si e com esforço também cuidava do homem, junto a isso a técnica antiga era caracterizada por um poder e alcance de seus efeitos limitados espacial e temporalmente, ou seja, não ameaçava a natureza ou a vida. Jonas, ao apontar que a ética tradicional era inútil diante das ações técnicas, demonstra claramente as características da ética pré-moderna; uma ética que é antropocêntrica e preocupada com ações de efeitos momentâneos, que não havia sido pensada ou preparada para o nascimento de uma era moderna onde a realidade se modificara.

Jonas aponta que toda ética tradicional é antropocêntrica, logo, esta voltada para a relação homem com homem e exatamente por isso as ações voltadas para a natureza estavam livres de considerações éticas neste período.

O bem e o mal com os quais as éticas tradicionais tinham de se preocupar eram caracterizados nas ações, estas não requeriam uma preocupação com consequências futuras, apenas com consequências de caráter imediato. Existia uma proximidade de consequências tanto espaciais quanto temporais, espaciais por estarem voltadas para a relação homem com homem, geralmente entre vizinhos, amigos ou inimigos; e temporais porque todos os mandamentos e máximas da ética tradicional apresentam esta característica de um círculo imediato da ação. Como exemplo de uma máxima, podemos citar uma religiosa, “ama teu próximo como a ti mesmo” para Jonas existe um “confinamento ao círculo imediato da ação” (JONAS, 2006, p. 36), no jeito de pensar a ética na pré-modernidade.

(...) aquele que age e o “outro” de seu agir são partícipes de um presente comum. Os que vivem agora e os que de alguma forma têm trânsito comigo são os que têm alguma reivindicação sobre minha conduta, na medida em que esta os afete pelo fazer ou pelo omitir. O universo moral consiste nos contemporâneos, e o seu horizonte futuro limita-se à extensão previsível do tempo de suas vidas. (JONAS, 2006, p. 36)

Existe um desprezo moral das éticas tradicionais para com os demais seres vivos que compõem a natureza e para com a humanidade que habitará a terra no futuro, a técnica oferece consequências não apenas momentaneamente, suas consequências apresentam extensão temporal, preocupar-se com o futuro é considerar a possibilidade de continuação da humanidade. Se a modernidade apresenta uma ameaça à existência deste futuro digno a ética deve voltar-se a buscar por meio da moralidade uma conduta para a humanidade em geral garantir este futuro.

Nenhuma ética anterior vira-se obrigada a considerar a condição global da vida humana e o futuro distante, inclusive a existência da vida humana e o futuro distante, inclusive a existência da espécie. O fato de que hoje eles estejam em jogo exige, numa palavra, uma nova concepção de direitos e deveres, para a qual nenhuma ética e metafísica antiga pode sequer oferecer os princípios, quanto mais uma doutrina acabada. (JONAS, 2006, p.41)

Neste trecho Jonas é bem claro em expressar o seu pensamento acerca das éticas tradicionais. Trazer estas novas dimensões para o campo da moralidade e fazer com que o saber moral adote este novo papel que é garantir a vida da biosfera e um bem futuro para a humanidade e todos os seres que da natureza fazem parte é o papel da nova ética pensada pelo filósofo.

Vale ressaltar que Jonas não está diminuindo ou desprezando a eficácia da ética tradicional, longe disso, dentro do domínio para o qual ela foi pensada certamente se apresenta como eficaz e suficiente. A questão levantada é sobre a eficácia desta ética sobre as novas dimensões do agir humano, estas novas dimensões que transcendem a imediatividade e a simultaneidade.

Isto se deve principalmente, como dito anteriormente, ao fato de a técnica não ter se desenvolvido no período pré-moderno e não oferecer ameaças com tais características catastróficas. Isto se modifica na modernidade. Deste poder de ação trataremos a seguir.

2.1 Um novo poder de ação

A modernidade traz consigo um novo poder de ação. Este poder de ação se torna ameaçador por conta de dois fatores, ele apresenta uma ideia utópica de evolução ao mesmo tempo em que contém em si uma ameaça apocalíptica.

Estamos tratando da técnica como um novo poder de ação adquirido pelo homem. A técnica antes da modernidade era algo utilizado apenas para uma situação de necessidade humana, não era um caminho para um fim escolhido pela humanidade. A técnica moderna se apresenta de outra forma, “ela se transformou em um infinito impulso da espécie para diante” (JONAS, 2006, p.43), ou seja, a utilização da técnica na modernidade não visa apenas sanar uma necessidade, mas alcançar o progresso¹, alcançar aquilo que vai fazer com que a humanidade evolua e consiga alcançar feitos cada vez maiores.

Na busca por feitos² cada vez maiores o homem se torna um refém do sucesso. Na medida em que utopicamente evolui o homem aumenta suas ambições e parte em busca de feitos cada vez maiores. A dominação da natureza por meio da técnica revela tal anseio por progresso. Aquilo que é produzido pelo homem com apoio na técnica sempre estará atrelado a uma ideia de sucesso; mas o homem não se dá por satisfeito com aquilo que acabara de conquistar, e/ou produzir, pois aquilo que é produzido pela técnica exige o emprego de um poder que podemos chamar de cumulativo, ou seja, foi produzido e precisa de um emprego inventivo cada vez maior para manter-se e para evoluir, a técnica anseia pela evolução³.

[...] aquilo que já foi feito exige o emprego inventivo incessante daqueles mesmos poderes para manter-se e desenvolver-se, recompensando-o com um sucesso ainda maior –o que contribui para o aumento de suas ambições [...]. Não há nada melhor que o sucesso, e nada nos aprisiona mais que o sucesso. (JONAS, 2006, p. 43)

Com isso o meio natural se encontra ameaçado, pois os frequentes ataques desenfreados empregados nele não permitem ao menos que ele se reconstitua como acontecia no período pré-moderno, onde a natureza como afirma Jonas “cuidava de si mesma e, com a persuasão e a insistência necessárias, também tomava conta do homem [...]” (JONAS, 2006, p.34). O emprego inventivo sobre o qual a técnica procura manter este processo de evolução está apoiado e abstrai da natureza os meios necessários para esta manutenção, sobre tudo isso

¹ Jonas entende o progresso como algo natural ao homem “progresso é a lei de desenvolvimento obrigatório do devir humano, da qual todos têm de participar” (JONAS, 2006, p. 268). Porém, tratando do progresso apoiado na técnica moderna Jonas o encara como negativo pelo fato de não acontecer por vias da necessidade, mas pelo fato de sermos, nas palavras de Jonas (2006, p.43), tentados a crer que a vocação dos homens se direciona no empreendimento contínuo do progresso técnico, como um infinito impulso da espécie para diante, extraído da natureza de maneira desenfreada a matéria prima para alcançar tal objetivo.

² Os feitos residem na evolução da técnica e na utilização de seus bens produzidos no intuito de garantir o bemestar do homem.

³ Vale destacar que o filósofo não é contra a ideia de evolução do fazer técnico, mas defende que tal evolução aconteça de maneira responsável. Não pondo em risco o meio natural.

está atrelado um efeito cumulativo, e esta é a maior ameaça que a técnica moderna impõe sobre a existência da vida na terra. Estes efeitos que vão se somando modificam o agir e o

existir dos seres vivos no futuro, suas situações de vida serão diferenciadas da situação vivida pelo primeiro ator que modificou a natureza se utilizando da técnica moderna. Falando sobre este prisma da técnica moderna Jonas destaca:

[...] seus efeitos vão se somando, de modo que a situação para um agir e existir posteriores não será mais a mesma da situação vivida pelo primeiro ator, mas sim crescentemente distinta e cada vez mais um resultado daquilo que já foi feito. Toda ética tradicional contava somente com um comportamento não cumulativo. (JONAS, 2006, p. 40)

As ações técnicas empregadas com crescente recorrência, as modificações causadas ao meio natural, e toda a matéria prima e bens retirados da natureza para saciar o sedento homem moderno que enxerga na utilização da técnica a possibilidade de viver bem e melhor, levará a humanidade em direção a um futuro no qual somente retratos e confissões de como era o mundo, a natureza, e toda biosfera, é o que haverá de existir. A natureza tal como se mostra, está se modificando. Agir e existir no futuro, levando em consideração a forma como a natureza é tratada pelo homem no presente momento, será totalmente diferente do agora.

A agressão ao meio natural significa uma agressão ao bem da humanidade, Jonas afirma que devemos “ampliar o reconhecimento de “fins em si” para além da esfera do humano” (JONAS, 2006, p. 41), pois o cuidado com as coisas extra-humanas representa um bem para a humanidade, uma vez que o homem não é uma entidade que vive separada da natureza, mas precisa dela para viver, para manter relações e para se desenvolver. Visando os cuidados com as coisas extra-humanas e com o futuro, Hans Jonas propõe um novo sistema ético, este se distingue de todo modelo ético pré-moderno, e tem como fundamento principal a regulação do poder de ação adquirido pelo homem na modernidade a partir do pressuposto de que tal poder de ação lhe foi proporcionado, principalmente, pelo avanço e aperfeiçoamento do fazer técnico neste período.

Podemos denotar o quão ameaçador é este poder adquirido pela humanidade e entender sua magnitude quando Jonas (2006) aponta que tanto o homem quanto a natureza necessitam de proteção frente a ameaça imposta pelo poder que a técnica proporcionou ao homem.

[...] Ambos necessitam de proteção por causa da magnitude do poder que se atingiu ao se buscar o progresso técnico, cujo crescente poder engendra a crescente necessidade de seu uso e, portanto, conduz à surpreendente impotência na capacidade

de pôr um freio ao progresso continuo cujo caráter destrutivo, cada vez mais evidente, ameaça o homem e sua obra. (JONAS, 2006, p. 236)

Estamos diante de um poder que na medida em que é utilizado reclama para si uma espécie de segunda utilização, ou seja, “o poder tornou-se autônomo” (JONAS, 2006, p.237). Por exemplo: Aconteceu no Brasil, em 25 de Janeiro de 2019, o rompimento de uma barragem de rejeitos minerais que era então administrada pela empresa Vale. O rompimento desta barragem representa para a história do Brasil um dos maiores desastres natural e humanitário já registrado em solo nacional. Isto deve-se à quantidade de pessoas que foram soterradas pelos rejeitos e pelo impacto ambiental causado (Este último interessa para o nosso exemplo). Precisamos imaginar a capacidade inventiva utilizada para criar esta barragem e acumular estes rejeitos, estamos tratando de um poder baseado na técnica, empregado com o intuito de retirar da natureza, minerais que se tornaram por contribuição da técnica moderna objetos de necessidade humana. Com a ocorrência do acidente (rompimento da barragem), denota-se uma consequência da utilização deste poder, o impacto ao meio natural se apresenta quase irreversível. Imaginando agora a necessidade de continuar extraindo minerais da natureza e a necessidade de sanar os impactos causados ao meio natural; onde o homem vai buscar uma solução para evitar risco de rompimento de barragens e para sanar ou diminuir os impactos causados? Na técnica, no seu poder inventivo. Aqui o poder se torna autônomo, “ele se nutre de si mesmo na medida do seu exercício” (JONAS, 2006, p. 237).

Para este poder de ação Jonas denota que somente um poder sobre o poder seria uma resposta a altura deste desafio, uma escalada em termos de poder, nas palavras de Jonas. Como entender esta escalada de poder? Jonas afirma que um poder de primeiro grau se transformou em um poder de segundo grau; o poder de primeiro grau estava voltado para um mundo onde a natureza apresentava recursos inesgotáveis, já o poder de segundo grau se insere em uma situação onde ele mesmo deflagra a possibilidade de esgotamento da natureza, além de ser um poder que foge de todo o controle de seu usuário; fato explicado anteriormente. Ora temos dois graus de poder, então urge a necessidade de um poder de terceiro grau, um poder sobre o poder; este poder de terceiro grau tem o papel de limitar o poder de segundo grau, como diz Jonas:

Um poder sobre todo aquele poder de segundo grau, que não mais pertence ao homem, mas ao próprio poder, que dita as regras do seu uso ao seu suposto usuário, transformando-o em mero executor involuntário de sua capacidade. (JONAS, 2006, p.237)

Este poder sobre o poder estaria pautado na responsabilidade do homem para com

o futuro da humanidade e da natureza, responsabilidade de garantir que os atores futuros tenham a possibilidade de viver bem, ter uma vida digna. Desta maneira Jonas trata o poder de ação humana adquirido na modernidade.

3. A TÉCNICA MODERNA COMO PROBLEMA ÉTICO

Podemos destacar que, para Jonas, o problema principal da civilização moderna é a técnica. Visando tal problemática Jonas propõe um novo projeto ético, este tem como pilar o *princípio responsabilidade*. Tal princípio é instaurado por Jonas como condizente ao desafio que a técnica moderna acabara de apresentar à ética.

Jonas apresenta a técnica moderna como um problema para a ética. Mas tal afirmação nos leva a um questionamento capital no que concerne ao entendimento da ética do filósofo. Eis o questionamento: Por que a técnica moderna é problema para a ética? Jonas apresenta inicialmente uma resposta simples para tal questionamento. Ele afirma que a técnica moderna é um exercício do poder humano, ou seja, uma forma de ação, e é sabido que toda e qualquer forma de ação do homem, está sujeita a considerações éticas. Deste modo, é indissociável a técnica da ética, pois “a Ética tem algo a dizer sobre a técnica [...] a técnica se subordina a considerações éticas” (GIACOIA JUNIOR, 1999, p.408). Todavia, não seria plausível apresentar esta simples afirmação como resposta a um questionamento tão profundo, tendo em vista quão tamanha é a complexidade do entendimento acerca do poder da técnica e, conseqüentemente, da ética que visa a regulação deste poder.

Jonas vale-se de cinco fundamentos que afirmam a técnica moderna como sendo um problema para a ética. Estes cinco fundamentos são apresentados da seguinte forma: O primeiro fundamento trata da *Ambivalência dos Efeitos* da ação técnica. Jonas afirma que a técnica moderna está carregada de uma verdade a ela subjacente o que impõe uma realidade totalmente nova às considerações éticas. Esta verdade se refere ao fato da técnica moderna ser um poder de ação altamente intensificado, e que apresenta conseqüências boas e ruins. Ou seja, tal poder quando exercido apresenta ambas as conseqüências simultaneamente. Mesmo que empregada com um bom propósito a ação técnica apresenta efeitos que se potencializam maus efeitos, estes maus efeitos são inseparáveis dos efeitos próximos e bons para os quais a ação foi empregada. Deste modo é impreciso afirmar que exista uma diferenciação entre boa e má ação

técnica, pois esta tem a característica de efeitos ambivalentes, o bom como indissociável do ruim.

O segundo fundamento apresentado por Jonas se refere à *Compulsoriedade da utilização*. Neste fundamento Jonas vai destacar que não é arbitrária a utilização da técnica pela sociedade. Pois a mesma foi construída pelos milagres da técnica e da ciência, a configuração social está sustentada com bases na tecnociência, nesta relação o homem se torna um refém das virtudes por ela proporcionadas. Deste modo, a relação entre a sociedade e a utilização dos artefatos tecnológicos é de igual consonância a “poder respirar e ter que respirar” (GIACOIA JUNIOR, 1999, p.410), é indissociável a existência do artefato da sua utilização. Os agentes sociais se apoiam nas possibilidades tecnológicas para manterem-se bem. A utilização se torna compulsiva, pois a sociedade moderna precisa dos bens produzidos pela técnica para manter a configuração social que fora construída justamente pela técnica.

O terceiro fundamento apresentado por Jonas trata da *extensão global no espaço e no tempo*. Jonas apresenta este parâmetro da *práxis* técnica como uma característica totalmente nova e que difere a ação técnica de todas as espécies de ações anteriores.

Explicando este fundamento Jonas escreve que “todo emprego em larga escala de uma capacidade traz consigo um sentido de direção incluindo efeitos que se potencializam, maus efeitos, ao cabo” (GIACOIA JUNIOR, 1999, p.411). Consideramos que atualmente toda utilização de uma capacidade técnica pela sociedade tende a crescer em larga escala. Este uso em larga escala faz com que a técnica e suas obras se propaguem por todo o globo terrestre, e até mesmo sobre as gerações futuras. Deste modo, nossas ações, muitas vezes egocêntricas e que buscam a satisfação momentânea, podem influenciar fortemente a vida de milhões de pessoas em todo o mundo ou até mesmo a vida daqueles que não tiveram a oportunidade de opinar sobre como deveria ser empregada tal ação, as sociedades futuras. Esta é a característica da técnica moderna que implica em efeitos de extensões globais no espaço e no tempo.

Jonas apresenta um quarto fundamento que caracteriza a técnica moderna como um problema, este intitulado de *Rompimento com o antropocentrismo*. Segundo Jonas, a humanidade, em face da técnica moderna, adquire um poder amplificado de ação. Este rompe com o antropocentrismo dos sistemas éticos pré-modernos, tanto religiosos quanto seculares. O que se tinha intenção de preservar com a utilização das éticas pré-modernas eram apenas os direitos e os deveres de homem para com homem, os interesses de pequena escala geográfica e temporal. O dever do homem estava voltado apenas para o próximo (homem). Na modernidade, com o avanço tecnológico, surge de modo imperioso um novo dever para o homem. Este rompe com o antropocentrismo. É o dever para com a natureza e para com o futuro da vida na terra.

Antes dos avanços proporcionados pela técnica moderna o homem não tinha de se preocupar com estes deveres, “Os homens eram objetos do dever humano e, no mais extremo caso, a humanidade, e nada além disso sobre essa terra” (GIACOIA JUNIOR, 1999, p. 412). Na modernidade isto muda a partir do momento em que o homem consegue intensificar seu poder de ação, intensificação esta proporcionada pela técnica moderna. As éticas pré-modernas não perdem aqui a sua validade, pelo contrário, ainda são eficazes, porém apenas no que concerne ao caráter imediato da ação do homem empregada sem apoio da técnica moderna. Em face do avanço tecnológico o homem adquire um poder quase monopolístico sobre toda a vida na terra. Por conta disso, se torna dever do homem o respeito a toda a biosfera do planeta com todas as suas espécies, pois agora (estes seres vivos que trazem consigo um fim em si mesmo, que é viver.) revelaram sua vulnerabilidade diante dos incontáveis ataques do homem ao meio natural, meio este essencial para a sobrevivência tanto do homem quanto dos demais seres vivos. Jonas afirma que o meio natural é essencial para o homem, tendo em vista que uma natureza empobrecida culmina em uma vida humana empobrecida. Com a evolução tecnológica há um rompimento com o antropocentrismo, pois o “ama ao próximo como a ti mesmo” não se resume mais apenas às relações humanas, mas a todo ser vivente que merece sua parcela de respeito, pois ao homem não é mais “lícito pensar apenas em si mesmo” (GIACOIA JUNIOR, 1999, p.412). A técnica moderna também confere ao homem uma responsabilidade de ordem cósmica, pois a extensão das consequências de nossas ações ameaça a vida futura na terra. Esta vida futura se encontra exposta e indefesa diante do mau uso do potencial tecnológico pela humanidade.

Jonas nos apresenta um quinto fundamento, este, está voltado para a questão metafísica. O potencial técnico traz consigo diferentes capacidades, destas podemos listar, capacidade de corromper a integridade genética do homem, capacidade de pôr em perigo a sobrevivência humana no planeta e capacidade de destruir as condições para manutenção de uma vida dignamente humana sobre a terra. Tais capacidades impõem a questão sobre a integridade genética do homem e sobre a sua existência no planeta, esta se apresenta como uma questão totalmente nova para a ética, justamente pela natureza do problema, que é novo e por nunca antes a ética ter sido confrontada com um poder de ação que impõe ameaças à existência da vida no planeta. A questão se põe da seguinte forma: “se e porque deve haver humanidade; por que, portanto o homem deve ser mantido tal como a evolução o produziu; por que deve ser respeitada sua herança genética; sim, porque, em geral, deve haver vida” (GIACOIA JUNIOR, 1999, p.414). Jonas vai apontar que existir é um imperativo categórico para a humanidade. Logo, qualquer ação que traga intrínseco um sentido de ameaça a esta existência se encontra

categoricamente proibida. Então, a resposta a esta pergunta está ligada a quanto nos é lícito arriscar em nossas apostas tecnológicas, se Jonas demonstra que existir é um imperativo de todo ser vivente, logo qualquer aposta que ponha em risco a existência humana e de qualquer ser vivente, por mais remota que seja a possibilidade de se concretizar tal ameaça, está proibida. Ao apresentar este fundamento, pode surgir o entendimento de que Jonas considera a existência da humanidade como preferível em relação aos demais seres vivos. Para não incorrer em tal problemática, quando Jonas apresenta a parte metafísica de sua filosofia busca uma doutrina do ser, uma ontologia. Neste ponto o autor demonstra que do ser (aqui cabe toda a biosfera) emana um dever-ser, este dever-ser de algo é o que lhe atribui um valor, ou seja, todo e qualquer ser vivente, seja humano ou não, busca manter-se vivo. Ao buscar uma ontologia o filósofo demonstra que todo organismo vivo tem um bem em si. Sobre este ponto importante da filosofia de Jonas discutiremos melhor no tópico seguinte.

Fica subentendido que estão proibidas as ações que revelam um caráter ameaçador mesmo que muito remoto. Porém, aqui cabe reportarmo-nos a dois dos fundamentos anteriormente apresentados, o que se refere a *ambivalência do efeitos* e o que se refere à *extensão global* da ação técnica, isto porque nestes fundamentos é possível identificar que não é tão simples fazer o processo de diferenciação entre técnica benéfica e técnica prejudicial e o quanto é inseparável da ação técnica a sua expansão espacial e temporal.

Após apresentarmos neste tópico os fundamentos levantados por Jonas para encarar a técnica moderna como objeto para a ética, devemos elencar os problemas encarados por ele para a formulação de sua ética. Pois, vale destacar o momento em que Jonas formula sua ética, a modernidade, que promove o abandono do caráter metafísico em trabalhos filosóficos, justamente pelas colaborações de Francis Bacon e René Descartes, cujos trabalhos são basilares para formulação e caracterização da ciência moderna, se valendo de uma forma nova e particular de encarar a natureza.

4 O PROBLEMA METAFÍSICO

Em seu labor filosófico e na construção de sua proposta ética, que se propõe a reger a ação humana na sociedade moderna e superar os desafios impostos pelo avanço tecnológico, Jonas nos traz a ideia de preservação do que se entende por imagem autêntica de homem. A preocupação está voltada à preservação da imagem de homem em face do

desenfreado poder que o próprio homem adquiriu a partir do desenvolvimento da técnica moderna.

Ao por em voga esta preocupação com a imagem de homem, inevitavelmente Jonas está se reportando a uma questão metafísica. O que chama a atenção é que, de certo modo, Jonas está se contrapondo ao modelo de fazer ética tradicional. Modelos estes que pautam seu fazer apenas no ser racional dotado de autonomia e liberdade, mas que prescindem da dita “especulação metafísica”. Jonas ao buscar uma fundamentação ontológica para a existência do homem que esteja ancorada no ser, expande tal consideração e acaba incluído na esfera do Ser toda a biosfera .

Neste cenário, a metafísica surge como um problema para Jonas. Pois o filósofo, de modo audacioso e necessário, tem de fazer uma retomada da mesma para as considerações éticas e filosóficas, com o intuito de apoiar de forma contundente o seu princípio responsabilidade. Esta retomada da metafísica se faz necessária, pois, segundo Jonas ela é a única que permite “que se pergunte por quê, afinal, homens devem estar no mundo” (JONAS, 2006, p.22) e que tem possibilidades de oferecer respostas a tal questionamento.

A principal característica da ética de Jonas que reflete a sua apropriação da metafísica ao propor o princípio responsabilidade é que, diferentemente do caso da ética kantiana, onde era a razão que imputava as leis do agir (o que Jonas afirma ser “uma ideia do agir” (JONAS, 2006, p. 95)), o princípio da ética jonasiana vai propor a “ideia de existência substantiva de possíveis autores em geral” (JONAS, 2006, p. 95). Ou seja, o princípio aqui é ontológico e nos propõe uma ideia do Ser. Por isso, o primeiro princípio de uma ética para o futuro não se encontra nela própria, como um simples fazer, mas na metafísica como uma doutrina do ser. Como uma doutrina do ser, a ética de Jonas contraria as afirmações dogmáticas do período moderno, a de que “não existe verdade metafísica e o de que não se pode deduzir um dever do ser” (JONAS, 2006, p. 95).

O que leva Jonas a buscar uma metafísica para a construção de seu sistema ético é a técnica moderna. Mas não tratamos aqui dos artefatos que através desta técnica foram construídos, pois estes podem até mesmo nos dar a esperança de sua não utilização. A busca pela metafísica dentro da construção deste sistema ético está voltada especificamente para a forma como as coisas (Homem e natureza) passaram a ser encaradas pós-técnica moderna. A ameaça apocalíptica não se encontra, por exemplo, na possibilidade de uma guerra nuclear ou biológica, estas podem ser evitadas. A ameaça mora no desprezo à imagem humana, a técnica moderna atingiu o modo de ser, o comportamento, a imagem autêntica de homem, e esta deve ser preservada como tal. Com a técnica moderna há um “esquecimento do *Ser* e o distanciamento

das coisas em sua raiz original – da essência” (ALENCASTRO, 2009, p.16), as coisas passam a ser vistas apenas a partir de seu potencial objetivo e utilitário, sem preocupação com sua essência e com seu dever, que é propriamente o seu fim.

Para compreendermos o caráter metafísico existente na ética do futuro, devemos trabalhar o fundamento que a rege, que é a doutrina do ser, uma ontologia. Ao tratarmos acerca da doutrina do ser, surge um questionamento metafísico primordial e contundente para a filosofia de Jonas em face da ameaça promovida pela tecnologia à existência humana, à imagem autêntica de homem e à vida. Trata-se do questionamento de Leibniz, qual seja: “por que existe algo e não o nada?” (JONAS, 2006, p.100). Tal questionamento encontra ancoradouro na ética jonasiana justamente pelo fato desta optar em apoiar-se numa ontologia que, enquanto doutrina do ser, permite ao filósofo se fazer o questionamento: “O homem deve ser?” (JONAS, 2006, p. 99). Para responder a tal questionamento é preciso antes demonstrar algo que revele que o Ser é preferível ao nada, pois como aponta Jonas “o não-ser pode ser escolhido, em vez de qualquer alternativa do Ser” (JONAS, 2006, p.99). Esta possibilidade é proporcionada quando não existe algo que possa reconhecer uma primazia do ser diante do nada. Então, é necessária a busca deste algo que traga esta primazia do Ser. Jonas vai buscar no valor a possibilidade de atribuir ao Ser uma primazia em detrimento do nada. O valor é o que traz esta primazia ao Ser, pois ele é “a única coisa cuja simples possibilidade reivindica imediatamente a sua existência” (JONAS, 2006, p.102). Não existe a possibilidade de atribuir valor a algo que não é, ao não-ser, nem valor ou não-valor⁴ pode ser atribuído ao que não existe. Deste modo, o Ser assume sua primazia em face ao nada pois tem em si um valor que pode ser tanto positivo quanto negativo, pois ao ser pode ser atribuído tanto o valor quanto o não-valor. Mas, ainda que negativo, implica na existência de algo em detrimento do nada.

Deste modo, infere-se que Jonas fundamenta os valores no ser. Ao buscar tal fundamentação, Jonas entende que do ser emana um dever-ser, e este é o que lhe atribui um valor, pois o dever-ser do homem e da natureza está voltado para a questão do existir, que é algo valioso. Todo e qualquer ser vivo, do mais complexo ao mais simples ser biótico, como exemplo, busca um fim incessantemente que é manter-se vivo. A vida é a finalidade do ser vivo e da natureza, da qual o homem faz parte, emana este valor. Pois segundo Jonas, “o fato de que o mundo tenha valores certamente é consequência direta do fato de que ele tem

⁴ Acerca disto vale destacar que, de maneira geral, valor negativo não é a mesma coisa que não-valor. Este último refere-se a algo que não possui valor algum. Acontece que isso não existe. Tudo o que existe possui um valor, ainda que seja um valor negativo. Hans Jonas, no entanto, entende o não-valor como sinônimo de valor negativo, mas o entende também como referência ao nada ou como negação.

fins[...]”, assim, “[...] não se pode mais falar de uma natureza, ‘livre de valores’” (JONAS, 2006, p.144). Deste modo, o fim se encontra na natureza, pois dela todo modo de vida se torna interdependente.

E a vida nos dá o testemunho inegável de que o fim está sediado na natureza, pois ao gerar a vida a natureza manifesta ao menos um determinado fim, que é a própria vida. A natureza a quis, não enquanto prefiguração ou dado pré-estabelecido, o querer da vida por parte da natureza configura-se enquanto um querer da natureza de ir além de si mesmo. (LIMA, 2013, p. 29)

Desta feita, fica compreendida a questão metafísica da ética Jonásiana e o porquê do retorno do filósofo a tal área da filosofia que outrora havia sido abandonada pelo pensamento moderno. Partiremos, no próximo tópico, para uma explanação dos teóricos que Jonas tivera que superar na fundamentação de sua proposta ética.

5 SUPERANDO DESCARTES E BACON

No trilhar de seu labor filosófico Jonas se depara com um problema existente no modo como o homem encara a natureza na era moderna. Parte desta visão fora construída por conta do pensamento de René Descartes e Francis Bacon, estes apresentam as bases nas quais se apoiam o modo de fazer ciência na modernidade.

Trabalharemos inicialmente acerca de Descartes. Este apresenta uma visão dualista de mundo, onde existiria uma separação entre “eu e mundo, ser interior e ser exterior, espírito e natureza” (LIMA, 2013, p.56). Deste modo, ele despreza a presença do espírito e de uma realidade metafísica ao interpretar a realidade natural a partir de uma perspectiva mecânica. Mas não nega a existência desta categoria (metafísica), apenas a deixa de lado por entender que torna-se desnecessária para compreender a natureza, visto que para compreender o humano será sumamente relevante. Lima (2013) ao escrever sobre este abandono da dimensão espiritual na teoria de Descartes aponta que o mesmo “consiste tão-somente em isolar esta dimensão incompreensível, a *res cogitans*, em favor daquela que é passível de ser compreendida, a *res extensa*.” (LIMA, 2013, p.56).

Com a visão *dual* acerca do organismo vivo, divisão entre espírito e matéria, Descartes inevitavelmente dá uma atenção especial à compreensão da *res extensa* enquanto objeto da ciência, enquanto propõe uma total negação da presença da *res cogitans* no restante

da natureza. Esta visão voltava-se também para os animais, já que Descartes os entendia como desprovidos de qualquer personificação ontológica. Ou seja, os animais – salvo o homem que é dotado do *cogito* (pensamento) – eram vistos apenas como corpos, simples *res extensa*. Descartes desvincula totalmente do corpo a ideia de uma interioridade, deixando toda a realidade natural para as análises mecânicas e matemáticas. Jonas afirma que:

Depois de desvincularem o “corpo” em geral de toda relação com o espírito, e de deixarem a ciência do corpo liberada de toda obrigação de ocupar-se com os fenômenos do espírito, Descartes e os cartesianos puderam despreocupadamente tratar o organismo apenas como mais um exemplo de *res extensa*. (JONAS, 2004, p.67). (grifo do autor)

Descartes esvazia a natureza de toda e qualquer interioridade espiritual. A dimensão espiritual era algo inerente apenas ao homem, da natureza ela fora retirada. Ao agir desta forma, Descartes provoca a ascensão de um “monismo de cunho materialista⁵” (LIMA, 2013, p.57).

O evolucionismo derruba a teoria dualista de Descartes por defender a ideia de que o homem é resultado da evolução de uma forma ancestral de vida. Esta derrocada da teoria cartesiana é possível pelo fato de Descartes ter atribuído ao homem uma teleologia, ou seja, ao homem era atribuído a dimensão do *cogito* (tal afirmação pode ser identificada na própria máxima de Descartes que diz, “*cogito ergo sum*” (penso logo sou) esta determina a existência de uma espiritualidade humana, uma metafísica. Sendo o homem detentor de uma racionalidade, isto já lhe infringe uma finalidade, pois o homem como sujeito racional, o é pelo beneplácito de um Deus que o cria desta forma. Sendo o homem uma corporificação de um organismo ancestral da história da vida na terra, assim defendera o evolucionismo, cai por terra a visão dualista de Descartes acerca dos demais animais presentes na natureza, pois os mesmos são resultantes da evolução da matéria primordial que originou tanto o homem quanto os demais seres vivos. Ou seja, existe algo em comum entre o homem e os demais seres bióticos da natureza. Logo, não se pode pensar a humanidade como algo separado dos demais seres vivos da natureza. Isto porque os evolucionistas assumiam a ideia de continuidade na corrente evolutiva, não de uma existência *dual*. Jonas explica:

⁵ A ideia de monismo materialista da ciência advém de um processo pós-dualista, pois, Descartes ao propor o dualismo separa *res cogitans* da *res extensa*, dentro desta lógica a *res cogitans* deveria ser isolada do resto do cosmos (no cosmos existiria somente a *res extensa*), esta parte extensa da natureza seria quantificável, calculável, matematizável, deste modo estaria cada vez mais isolada daquela dimensão espiritual (*res cogitans*), a partir deste processo de isolamento resultou que, para a ciência, só interessava esta dimensão extensa e quantificável, o que levou a este monismo materialista da ciência.

[...] já não era mais possível considerar o espírito como em descontinuidade com a história pré-humana da vida, então, em virtude da mesma lógica, não existia mais qualquer razão para negar o espírito em doses proporcionais às formas ancestrais mais próximas ou mais afastadas, e com isto a nenhum estágio da animalidade [...]. (JONAS, 2004, p.67)

Desta feita, encontra-se superada a visão dualista e materialista de Descartes, que tomava da natureza, com todos os seres biológicos nela existentes, a capacidade de garantir seu direito de ser diante da humanidade, pois não continham a *res cogitans*, assim sendo impossível adquirir uma finalidade e um valor, visto que estes estavam restritos ao homem.

Todavia, Descartes não fora o único que colaborou para a intensificação da técnica moderna até que chegasse ao estágio em que se encontra hoje. Francis Bacon apresenta uma obra filosófica na qual afirma que todo o emprego da teoria filosófica até o seu momento em nada ajudara à humanidade. Teoria esta que havia sido promulgada por Aristóteles e que perdurou por vários séculos, foi duramente criticada por Bacon, está crítica esta situada na obra *Organon*. Esta obra, até então, era o mecanismo basilar que regulava o modo de fazer ciência. Porém, Bacon radicaliza e refuta a teoria aristotélica e produz o livro que revolucionaria o modo de fazer ciência desde então. O livro escrito por Bacon foi intitulado de *Novum Organum* (clara alusão de oposição ao *Organon* aristotélico). Esta obra é a principal fomentadora do avanço desmedido da tecnociência, pois a teoria nela encontrada propõe que o homem deve se utilizar da natureza para criar coisas úteis e práticas, com o intuito de dominar a natureza através da técnica. Quando o homem conseguisse dominar a natureza estaria realizado o principal desejo de Bacon que era a restauração do que ele chama de *imperium hominis*.

Jonas inicia sua crítica a Bacon estabelecendo a diferenciação entre as chamadas ciências teóricas e ciências práticas. Segundo Jonas, com apoio nos escritos de Tomás de Aquino, as ciências teóricas tem haver com as coisas eternas e imutáveis, com as formas inteligíveis do ser (JONAS, 2004, p.212). Já as ciências práticas –sistema baconiano— não fazem teoria e sim arte (*techné*), é um conhecer que surge da prática, experiência, e não da teoria, conhecer que está voltado para as coisas mutáveis.

A partir do exposto, surge o questionamento acerca destas ciências práticas. Existe uma cisão total entre ciências práticas e a teoria? Jonas nos apresenta a resposta a este questionamento demonstrando que existe a utilização da teoria neste parâmetro. Porém, o papel da teoria no que concerne às ciências práticas, está puramente no processo de “iluminar seu usuário [...] no usar aquelas artes com sabedoria” (JONAS, 2004, p. 212). Jonas chama este processo de “utilidade prática da teoria” (JONAS, 2004, p.212).

Bacon refuta a ciência teórica tal como havia sendo empregada até então, por

entender que esta não forneceu nada de proveitoso para a humanidade. Deste modo, ele abandona a utilização da razão especulativa, pois coloca que deve se ter em primeiro lugar as “necessidades humanas”, e a razão especulativa em nada colaborava para tal. Assim, a humanidade, através das artes, deverá encontrar um meio de enfrentar e dominar suas necessidades. Assim, Bacon aponta que a teoria deve ser utilizada tendo como finalidade a “invenção de artes” que possam ser utilizadas pelo homem de forma objetiva, com o desejo de sanar as necessidades humanas. Denota-se aqui o intuito de dominação da natureza em face do bem humano preconizado por Bacon. Ele propõe, no seu novo modo de fazer ciência, uma fusão entre ciência teórica e prática. Para que, a partir disso, se possa conhecer as leis da ação presentes na natureza (teoria), para que o homem possa dominá-la e se utilizar das artes para construir artefatos (prática) que promovam um melhoramento da vida humana.

Esta nova característica da teoria proposta por Bacon não estaria se separando da teoria clássica, pois ainda cabe a ela a explicação das primeiras causas e leis gerais. Ou seja, ainda teria como objeto a natureza das coisas e buscaria trazer para o homem os conhecimentos acerca das leis que regulam a natureza, o que permitiria guiar o modo operante do homem no meio natural.

Jonas traz uma questão importantíssima ao se tratar da teoria de Bacon. Jonas indaga, em relação à ciência: Para quê se usa alguma coisa? (para que se usa a ciência; qual a finalidade). Para Bacon, a finalidade na utilização da ciência teria uma dupla finalidade, que seria evitar a destruição e superar a miséria. Deste modo, Bacon apresenta um acento negativo relativo ao fim da ciência, tal postura revela uma relação comum entre o pensamento de Bacon e o pensamento de Aristóteles.

Ora, se segundo Bacon a finalidade da ciência é evitar a destruição e superar a miséria, isto significa que a conservação de tais realidades representaria uma negação à boa vida. Logo a eliminação de tais realidades representaria a realização de uma significativa melhora. Assim, tanto com Bacon quanto com Aristóteles o que se entende por fim último de todo agir (neste caso, o científico) seria a felicidade do ser humano. Então, para ambos qualquer emprego de uma ação, e principalmente do conhecimento, tem como fim último o alcance da felicidade.

Mas quais seriam os princípios teóricos que afirmariam esta relação comum entre o pensamento de Bacon e Aristóteles em relação à prática humana da ciência? Bacon diz que “O conhecimento deve remover os sofrimentos da humanidade” (JONAS, 2004, p.214) e

Aristóteles defende que “o ser humano alcança a plenitude do ser pelo conhecimento” (JONAS, 2004, p.214), logo em ambos os casos, através da aquisição do conhecimento o homem chega à felicidade plena.

Na sua crítica à teoria baconiana, Jonas aponta sua preferência pelo ideal Aristotélico. Como exposto anteriormente, o fim último da ciência para os dois autores mora no alcance da felicidade através do conhecimento. Porém, a diferença reside no que se deve conhecer. Segundo a teoria clássica (Aristóteles), o que traz a felicidade é o conhecimento dos objetos mais nobres, é o conhecimento acerca do “bem”, do “belo”, dos objetos mais perfeitos. Esta teoria consiste:

[...] na sabedoria que confere à pessoa para a orientação geral de sua vida, como também na compreensão que a partir do cume da especulação impregna sua concepção de todas as coisas inclusive das coisas comuns.[...]. (JONAS, 2004, p.214)

Porém, este conhecimento das coisas comuns não revela uma dominação do homem sobre elas. Está voltada apenas para a relação de admiração das coisas comuns e nada implica na utilização de tais conhecimentos para benefício próprio.

Para a teoria moderna (Bacon), a utilidade do conhecimento, que traz a felicidade, está voltada para os frutos que ele produz. Para que se possa produzir tais frutos é preciso que o homem tome conhecimento dos objetos comuns ou ordinários. Estes objetos são encontrados na natureza. Com isto surge – a partir da insistência de Bacon de que o “espírito exerce a autoridade que lhe compete sobre a natureza das coisas” (JONAS, 2004, p. 215) – uma nova visão sobre o meio natural, o qual não possui mais nenhuma dignidade, pois toda ela foi transferida para o ser humano o qual pode utilizar de todas as coisas disponíveis na natureza, pois se tornara senhor da mesma. Esta apropriação da natureza revela o que Jonas denomina de “reino do ser humano” (JONAS, 2004, p. 215).

Toda teoria baconiana está voltada para a relação entre teoria e prática, ou seja, o conhecimento de tal objeto e modificação do mesmo através da arte. Porém, esta relação prevista por Bacon é mais profunda do que se apresenta aparentemente. Pois a teoria em um determinado momento, e por conta da necessidade provocada pelo progresso, pode guiar o trilhar da natureza, uma adequação da natureza à teoria. Bacon diz que devemos “forçar a natureza” a nos entregar seus segredos de acordo com as respostas que provocamos, ele afirma que “a natureza das coisas se revela mais sob a tortura da arte do que em sua natural liberdade” (JONAS, 2004, p.227). Deste modo, denotamos que a ciência moderna está ligada ao modificar ativo das coisas em dois parâmetros: a) em pequena escala: nesta, o experimento provoca uma variação como meios necessários para o conhecimento da natureza, esta prática ajuda a teoria;

b) em larga escala: aqui a teoria adquirida através do experimento está habilitada para modificações através da aplicação técnica. Logo, a aplicação da técnica moderna entra em um ciclo contínuo, pois passa a ser uma fonte de conhecimentos teóricos que em escala laboratorial não seriam alcançados. E, ao mesmo tempo, fornece instrumentos para o trabalho laboratorial mais eficiente, e este corrobora para mais aquisições de conhecimentos para a ciência, e assim em um processo infinito. Deste modo, a associação entre teoria e prática se torna inseparável.

A prática e a teoria se juntaram e entregaram à humanidade um constante dinamismo. Jonas afirma que muitos se rejubilam com a onda que os arrasta para o desconhecido, tudo isto através do processo de constante mudança, mas não se atentam em perguntar para onde a onda vai levá-los. Jonas afirma que para a mudança ser considerada um valor é preciso conhecer o que está sendo modificado, é preciso saber para que algo se modifica. É preciso que a mudança leve ao bem humano, logo é preciso encontrar uma finalidade. Jonas afirma que:

Esta teoria que assume novamente a pergunta pelos fins, que deixa em aberto a radical indefinição do conceito de “felicidade”, e onde a ciência, entregue à aquisição dos meios para a felicidade, não tem direito a ter voz. A advertência a que a ciência seja aproveitada no interesse do ser humano, no interesse de seu maior bem, permanece vazia enquanto não for conhecido qual é o maior bem do ser humano. (JONAS, 2004, p.230)

Jonas aponta que diante da ameaça de uma catástrofe que temos hoje em mais de um aspecto, evitar esta catástrofe é sem dúvida a primeira finalidade da humanidade. É possível que convivamos por muito tempo com necessidades por nós mesmos criadas. Não deveremos confiar plenamente na ciência tecnológica antes de analisarmos as razões instrumentais que estão por trás de seus fazeres, pois a partir dela tais necessidades foram criadas. Ela que sempre ajudou através de seus êxitos a criar a realidade na qual nos encontramos. Confiar totalmente na sua mecânica auto-reguladora é o mesmo que perder a batalha em torno do ser humano.

Jonas afirma que existe um automatismo na utilização da ciência moderna e da teoria, ambas são indissociáveis e a utilização de uma implica categoricamente na utilização da outra. O automatismo presente na utilização da ciência vai além da resposta à situação de necessidade que criou. E, ao mesmo tempo, já estabelece o conteúdo de felicidade, ou seja, deixa-se levar ao emprego das coisas, deste modo “ciência é ao mesmo tempo teoria e arte” (JONAS, 2004, p.231). Porém, cabe a ela uma particularidade, a qual é destacada por Jonas:

[...] enquanto nas outras artes a posse e o uso da habilidade são duas coisas diferentes, de modo que quem as possui tem a liberdade de aplicar ou não aplicar, e de decidir quando aplicá-la; a habilidade da ciência técnica como posse coletiva gera por si própria seu uso. (JONAS, 2004, p.231)

A teoria se introduz na prática profundamente, pois passou a existir em função do uso e o uso passou a ser função da teoria. Com a obtenção de resultados práticos da aplicação da teoria, novas tarefas são apresentadas, e mais uma vez as soluções são postas em uso, e assim por diante. A teoria demonstra sua inteira aplicação para a prática num *feedback* recíproco.

5.1. Superando a falácia naturalista

É possível que, a partir da apropriação biológica, de Jonas em seu processo de construção ética incorra a ideia de que o filósofo busque dentro da natureza leis que regulem a ação humana. O que Jonas busca afirmar é a pertença do homem à natureza, o homem como um ser pertencente ao meio natural, e não separado dele. Este processo proposto por Jonas é chamado de “biologização do ser moral” (SGANZERLA, 2013, p.161).

Este argumento se torna primordial à teoria da responsabilidade de Jonas pois vai de encontro ao que se entende por falácia naturalista, a qual defende a ideia de que é impossível abstrair um dever do ser. Esta posição é imposta por Hume e seus discípulos, os quais afirmavam que da natureza seria impossível abstrair um dever por encararem ela como algo separado da humanidade. Sganzerla escrevendo sobre a falácia naturalista, afirma que:

O problema da falácia naturalista descrita por Moore (1998) está em buscar uma fundamentação ética a partir da natureza e daquilo que é considerado bom, isto é, o seu valor intrínseco. Com isso, o homem, para estar em sintonia com aquilo que é bom, deve manter a sua continuidade. O problema desse tipo de fundamentação é estabelecer qual o valor moral de um princípio determinado pela natureza. (SGANZERLA, 2013, p. 159)

Como afirma Jonas, tal teoria só se aplica a um conceito de Ser o qual se encontra neutro em relação aos valores. Deste modo se impõe a crítica de Jonas a Hume, por propor uma aproximação entre Ser e dever, onde o Ser passa então a se tornar uma condição preliminar para o dever.

E o ser se torna condição preliminar para o dever por nele existir um valor, pois este “existe” e o valor de sua existência já impõem sua primazia em face do nada, logo ele deve ser. Como escreve Jonas:

A faculdade para o valor é ela mesma um valor, o valor de todos os valores, inclusive a faculdade para o não-valor, na medida em que a mera abertura para a distinção entre

valor e não-valor já asseguraria sozinha a prioridade do “Ser” em comparação com o nada. (JONAS, 2006, p.102)

Deste modo, entramos numa ontologia que garante valor àquele existente, tanto natureza quanto humanidade. Desta feita, estaria derrubada a falácia naturalista, pois estaria habilitada a possibilidade de abstrair um dever do ser, da natureza, pois esta enquanto existente emana seu valor de si mesmo o que implica em um dever-ser.

Assim, a responsabilidade para com a natureza (que Jonas atribui ao homem), não é uma simples faculdade, mas um dever. Este dever surge porque Jonas, indo contra as teorias modernas, atribui a ela um valor intrínseco, ao mesmo tempo em que admite que o homem faz parte da mesma. O combate de Jonas à falácia naturalista surge pelo fato desta não entender que da natureza surja a moral; pelo contrário, Jonas realoca o ser ético ao meio natural para que possa extrair de lá as consequências ontológicas de sua ética.

CONCLUSÃO

Pretendo discorrer neste tópico final do trabalho acerca da teoria ética de Jonas, sobre a sua máxima e sobre os deveres da ética do futuro por ele apresentadas. Para tanto, irei trabalhar dois pontos constitutivos de sua tesa: a heurística do temor e a sua máxima, o princípio responsabilidade.

A teoria ética de Jonas esta voltada para a preservação do meio no qual estamos inseridos para garantir que no futuro este meio não seja empobrecido a ponto de se chegar a uma situação inflexível de impossível recuperação por conta do poder da ação técnica direcionada a ele.

Jonas busca uma ética da responsabilidade a longo prazo por almejar que esta vise a regulação das ações que apresente efeitos não apenas momentaneamente, mas também no futuro.

Este princípio carece de algumas contribuições, para isso Jonas propõe a utilização de uma ciência da previsão hipotética ou, como ele nomeou, “futurologia comparativa” (JONAS, 2006, p.70), esta auxiliaria na previsão do que se busca preservar em longo prazo. Tal ciência seria utilizada para propor uma deformação do homem no futuro – está ideia de “deformação” do homem está pautada no trabalho de tomar conhecimento de uma imagem autêntica de homem (bem) e fazer uma deformação desta imagem (mal), prever a pior

imagem possível. Tudo isto para que se possa apreender o que deve ser preservado da imagem autêntica de homem. Jonas afirma que precisamos de uma ameaça à imagem humana, “para, com o pavor gerado, afirmarmos uma imagem autêntica” (JONAS, 2006, p.70). Se faz preciso conhecer o perigo para saber o que se deve proteger.

Jonas faz esta proposta por defender que não se pode ter reconhecimento do que é o *bonum* sem o conhecimento do *malum*, “não saberíamos o valor da verdade se não houvesse a mentira” (JONAS, 2006, p.70). Por isto, o motivo desta “projeção” do que vem a ser o mal, no caso a projeção da imagem deturpada de homem, para que se possa buscar a preservação do que se entende por imagem autêntica de homem, a isto Jonas dá o nome de heurística do temor.

É necessário conhecer o que está por vir, para regularmos as ações a ponto de evitarmos a concretização da previsão, nas palavras de Jonas, “o que não queremos, sabemos muito antes do que aquilo que queremos. Por isso, para investigar o que realmente valorizamos, a filosofia moral tem de consultar o nosso medo antes do nosso desejo.” (JONAS, 2006, p. 71).

Jonas apresenta dois deveres necessários para a nova ética. O primeiro é “visualizar os efeitos de longo prazo” (JONAS, 2006, p.72), este se resume em produzir intencionalmente a experimentação do *malum* que se pretende evitar, visto que o mesmo não foi experimentado no passado e possivelmente não será experimentado no presente. O segundo dever é “mobilizar o sentimento adequado à representação” (JONAS, 2006, p.72), este se qualifica como uma obtenção da representação do temor, pois também não é adquirido de forma automática. Estes dois deveres tratam especificamente da ideia de projeção do mal que pode assolar a humanidade, Jonas entende estas tarefas como primordiais, pois o conhecimento destes riscos podem nos levar a agirmos mais fortemente na tarefa de evitá-los.

Oliveira explica isso quando escreve:

Jonas acredita que, quanto mais investirmos no conhecimento e na divulgação desses riscos e perigos trazidos pela técnica, mostrando as reais possibilidades e o quão temível pode ser a ameaça, mais seria despertado o temor das pessoas e mais elas estariam dispostas a alterar as causas dessa ameaça. (OLIVEIRA, 2014, p.132)

Do ponto de vista de Jonas as previsões do futuro são as piores possíveis, e a ameaça à existência humana é inegável.

Agora nos caberá compreender a máxima do autor.

Sendo a teoria ética de Jonas pautada na responsabilidade do homem para com o bem estar da humanidade no futuro, e sendo insuficientes os preceitos éticos pré-modernos para a garantia deste anseio, o trabalho do filósofo se apresenta desafiador por quebrar toda a lógica

de como se pensava a ética até então. Jonas busca uma ética que quebre os limites da localidade e da momentaneidade.

O filósofo busca apresentar um novo imperativo ético, este deve estar pautada na responsabilidade do homem para com o futuro da humanidade e de todo o ser vivente. Para conseguir este objetivo Jonas propõe uma adequação do imperativo ético vigente –O Kantiano – “Aja de modo que tu também possas querer que tua máxima se torne lei geral.” (JONAS, 2006.p. 47), a reformulação é necessária pois o imperativo de Kant não leva em consideração a possibilidade de inexistência da humanidade no futuro, para que a máxima individual se torne uma lei geral é necessária a existência de uma “sociedade de atores humanos” (JONAS, 2006.p. 47), a ação deve existir de modo que possa ser concebida.

Jonas, buscando uma adequação da máxima ao novo tipo de agir do homem, o agir que agora se encontra engendrado pela técnica moderna que aumenta consideravelmente a potencialidade de seus efeitos, que impõe a possibilidade de inexistência de atores humanos no futuro, apresenta um novo imperativo.

O imperativo Jonasiano voltado para este novo tipo de agir da humanidade é descrito da seguinte maneira:

“Aja de modo a que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a terra”; ou expresso negativamente: “Aja de modo a que os efeitos de tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida”; ou simplesmente: “Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra”; ou, em um uso novamente positivo: “Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer”. (aspas do autor) (JONAS, 2006, p. 47)

Percebe-se que o imperativo proposto por Jonas transcende de maneira clara e objetiva os limites da imediatividade na busca por um bem futuro. Supera-se, então, uma das maiores características da ética tradicional que era a preocupação com efeitos momentâneos. Com o imperativo de Jonas o homem, por meio de suas ações, buscará garantir a possibilidade de existência da vida humana no futuro.

A responsabilidade humana se estende para além da esfera individual, pois para garantir a integridade do homem e para garantir a existência da vida humana sobre a terra, o homem precisa preservar o meio no qual ele está inserido e do qual necessita para sobreviver, este meio é a natureza.

Jonas diz “nós não temos o direito de escolher a não-existência de futuras gerações em função da existência atual, ou mesmo de as colocar em risco” (JONAS, 2006, p.47), então temos o dever de preservar as condições necessárias para que a sociedade futura

consiga viver bem, para que a humanidade tenha uma continuidade; o homem tem a possibilidade de arriscar a própria vida, o presente, mas não a da humanidade e impedir que esta tenha uma continuidade.

O labor filosófico de Jonas é epistemologicamente bem estruturado e sua valência transcende gerações e se faz muito atual. Todas as discussões acerca dos males causados pela humanidade ao meio natural e sobre a forma como o homem vem destruindo o seu espaço de vivência são elencados pela máxima do autor. Sua obra pode e deve ser mais discutida no âmbito da academia, uma vez que a emergência da preservação do meio natural no que concerne à possibilidade de existência de uma vida digna, agora e no futuro, se fazem presentes.

REFERÊNCIAS:

ALENCASTRO, Mário Sérgio. **Hans Jonas e a proposta de uma ética para a civilização tecnológica.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 19, p. 13-27, jan./jun. 2009. Editora UFPR.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Por que a técnica moderna é objeto para a ética.** In: Natureza Humana, v.1. n.2. p. 407-420, 1999.

JONAS, Hans. **O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica.** Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2004.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica/ Hans Jonas;** tradução do original alemão Márijane Lisboa, Luiz Barros Montez-Rio de Janeiro: contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LIMA, Francisco Vale. **Natureza E Ethos Da Responsabilidade Em Hans Jonas.** Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Piauí- UFPI. Teresina, 2013.

SGANZERLA, Anor. **Biologização do ser moral em Hans Jonas.** Rev. Filos., Aurora, Curitiba, v. 25, n. 36, p. 155-178, jan./jun. 2013.